



# A ELITE

da trilogia A SELEÇÃO

# KIERA CASS

Tradução

CRISTIAN CLEMENTE

**SÉQUINTE**

O selo jovem da Companhia das Letras

Copyright © 2013 by Kiera Cass  
Todos os direitos reservados.

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

TÍTULO ORIGINAL The Elite

CAPA Erin Fitzsimmons

© 2013 by Gustavo Marx/ MergeLeft Repts, Inc.

PREPARAÇÃO Bel Junqueira

REVISÃO Juliane Kaori e Larissa Lino Barbosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Cass, Kiera

A Elite / Kiera Cass ; tradução Cristian Clemente. — 1ª ed. —  
São Paulo : Seguinte, 2013.

Título original: The Elite.

ISBN 978-85-65765-12-1

1. Ficção — Literatura juvenil I. Título.

---

13-02437

CDD-028.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura juvenil 028.5

[2013]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

[www.seguinte.com.br](http://www.seguinte.com.br)

[www.facebook.com/edioraseguinte](http://www.facebook.com/edioraseguinte)

[contato@seguinte.com.br](mailto:contato@seguinte.com.br)



A ATMOSFERA DE ANGELES ESTAVA TRANQUILA. Permaneci imóvel por uns instantes, ouvindo o som da respiração de Maxon. Estava cada vez mais difícil encontrá-lo em um momento calmo e feliz de verdade. Aproveitei aquela ocasião ao máximo, agradecendo por ele estar, aparentemente, em sua melhor forma enquanto estávamos a sós.

Desde que a Seleção conta com só seis garotas, ele tem estado mais ansioso que no começo, quando as trinta e cinco chegaram de uma vez. Imaginei que talvez ele tivesse pensado que teria mais tempo para fazer suas escolhas. E devo reconhecer, apesar de me sentir culpada, que era por minha causa que ele tinha esse desejo.

Príncipe Maxon, herdeiro do trono de Illéa, gostava de mim. Ele me falou na semana passada que se eu dissesse, sem nenhuma ressalva, que me importava com ele assim como ele se preocupava comigo, toda essa história de competição esta-

ria acabada. Eu até considerava essa ideia, ficava imaginando como seria pertencer a Maxon.

Mas o problema é: Maxon não me pertencia, para começo de conversa. Havia mais outras cinco meninas comigo — meninas com quem ele saía e cochichava coisas —, e eu não sabia o que pensar disso. E também havia o fato de que aceitar Maxon significava ter que aceitar uma coroa, uma ideia que eu tendia a ignorar, até por não saber ao certo como isso me afetaria...

E, claro, havia Aspen.

Técnicamente, ele não era mais o meu namorado — terminou comigo antes de o meu nome ser sorteado para a Seleção —, mas quando surgiu no palácio como um dos guardas, todos os sentimentos que eu tinha tentado deixar para trás encheram meu coração. Aspen era meu primeiro amor. Bastava olhar para ele para saber... que eu era dele.

Maxon não sabia que Aspen estava no palácio, mas sabia bem que havia alguém da minha província que eu desejava esquecer, e estava, muito gentilmente, dando-me tempo para superar a situação enquanto tentava encontrar outra pessoa com quem ele pudesse ser feliz, caso eu nunca fosse capaz de amá-lo.

Conforme ele mexia a cabeça devagar, respirando sobre meus cabelos, eu pensava: como seria se eu simplesmente amasse Maxon?

— Sabe quando foi a última vez que olhei de verdade para as estrelas? — perguntou ele.

Estávamos deitados sobre uma toalha no jardim. Aconche-

guei-me mais para o lado dele, tentando me manter aquecida naquela noite fria de Angeles.

— Não faço ideia.

— Um tutor me fez estudar astronomia há alguns anos. Quando vemos as estrelas mais de perto, percebemos que na verdade elas têm cores diferentes.

— Calma lá. A última vez que você olhou para as estrelas foi para estudá-las? E a diversão?

Maxon riu.

— Diversão. Vou ter que espremê-la entre as votações do orçamento e as reuniões do comitê de infraestrutura. Ah, e a definição das estratégias militares, no que, aliás, eu sou péssimo.

— E no que mais você é péssimo? — perguntei, passando a mão em sua camisa engomada.

Meu carinho encorajou Maxon a mudar de posição e fazer pequenos círculos em meu ombro.

— Por que quer saber isso? — perguntou, fingindo irritação.

— Porque ainda sei tão pouco sobre você. E você parece ser perfeito em tudo. É bom ter uma prova do contrário.

Ele se apoiou sobre um cotovelo e fixou os olhos no meu rosto:

— Você sabe que não sou.

— Mas está quase lá — respondi.

Nossos corpos se tocavam de leve. Joelhos, braços, dedos.

Maxon balançou a cabeça com um sorriso nos lábios.

— O.k., o.k. Não consigo planejar guerras. Sou péssimo

nisso. E acho que seria um cozinheiro horrível. Nunca cozinhei, logo...

— Nunca?

— Talvez você já tenha notado a multidão de pessoas que trabalham para manter a sua barriga cheia de bolos e doces... Por acaso, são eles que me alimentam também.

Achei graça. Em casa, eu ajudava a preparar praticamente todas as refeições.

— Mais — pedi. — No que mais você é ruim?

Ele me abraçou forte, e pude ver um segredo brilhar em seus olhos castanhos.

— Descobri uma coisa recentemente...

— Conte.

— Descobri que sou um completo fracasso em ficar longe de você. Um problema muito grave.

Sorri.

— Você já tentou?

Maxon fingiu pensar.

— Bem, não. E não espere que eu vá começar.

Rimos baixo, abraçados. Era tão fácil, nesses momentos, me imaginar assim pelo resto da vida.

O farfalhar das folhas e da grama anunciava a chegada de alguém. Embora nossa situação fosse completamente aceitável, fiquei um pouco encabulada e me sentei rapidamente. Maxon fez o mesmo assim que o guarda contornou a cerca para chegar até nós.

— Alteza — disse, inclinando a cabeça. — Perdão pela intromissão, senhor, mas é imprudente permanecer do lado

de fora por muito tempo a essa hora da noite. Os rebeldes podem...

— Compreendo — concordou Maxon, com um suspiro.

— Já entraremos.

O guarda nos deixou, e Maxon virou-se para mim.

— Outro defeito meu: estou perdendo a paciência com os rebeldes. Estou cansado de lidar com eles.

Maxon se levantou e me ofereceu a mão. Segurei a mão dele e reparei na frustração em seus olhos. Passamos por dois ataques de rebeldes desde o começo da Seleção: um dos nor-tistas, que eram apenas baderneiros, e outro dos sulistas, que eram assassinos. Mesmo com minha experiência mínima, eu podia compreender seu cansaço.

Maxon recolheu a toalha e começou a sacudi-la. Era claro que ele não estava feliz com aquele fim antecipado da noite.

— Ei — eu disse, fazendo-o olhar em meus olhos. — Eu me diverti.

Ele concordou com a cabeça.

— É sério — continuei, me aproximando. Ele segurou a toalha com uma das mãos e passou o braço livre em volta da minha cintura. — Devíamos fazer isso outras vezes. Você podia me dizer quais são as cores de cada estrela, porque eu realmente não consigo ver diferença de uma para outra.

Maxon sorriu, triste.

— Gostaria que as coisas fossem mais fáceis às vezes. Normais.

Virei para ele e o abracei. Maxon soltou a toalha e retribuiu o gesto.

— Odeio ter que lhe revelar isso, Alteza, mas mesmo sem os guardas você está bem longe de ser normal.

Sua expressão ficou mais relaxada, mas ainda séria.

— Você iria gostar mais de mim se eu fosse normal — falou.

— Sei que é difícil para você acreditar, mas eu realmente gosto de você do jeito que você é. Só preciso de mais...

— Tempo. Eu sei. E estou pronto para dar o tempo necessário a você. Só gostaria de ter certeza de que você vai mesmo querer estar ao meu lado quando esse tempo acabar.

Desviei o olhar. Aquilo eu não podia prometer. Toda hora, eu olhava para o meu coração e comparava Maxon e Aspen, mas nenhum deles se sobressaía. A não ser, talvez, quando eu estava sozinha com um deles. Neste exato momento, por exemplo, eu estava tentada a prometer a Maxon que ficaria a seu lado no final.

Mas eu não podia.

— Maxon — sussurrei, após notar que ele estava se sentindo rejeitado por eu não ter respondido. — Não posso dizer isso. Mas o que posso dizer é que quero estar com você. Quero saber se há possibilidade de... de... — gaguejei, sem saber ao certo como me expressar.

— Nós? — Maxon sugeriu.

Sorri, feliz por ver como tinha sido fácil para ele me entender.

— Sim — prossegui. — Quero saber se há a possibilidade de existir um “nós”.

Ele ajeitou meus cabelos para trás dos ombros.



— Penso que as chances são bem altas — afirmou, sem rodeios.

— Também penso. Só... tempo, tudo bem?

Maxon fez que sim com a cabeça. Parecia mais feliz. Era assim que eu queria terminar nossa noite, com esperança. Bem, talvez com algo mais. Mordi os lábios e me virei para ele com olhos desejosos.

Sem hesitar nem um segundo, ele se inclinou e me beijou. Foi um beijo terno e suave, que me deixou com a sensação de ser adorada, e com vontade de outro. Eu poderia ter ficado ali por horas, só para ver se conseguia aplacar aquela sensação, mas Maxon recuou cedo demais.

— Vamos — disse ele em tom de brincadeira, enquanto me puxava para o palácio. — Melhor entrar antes de os guardas virem atrás de nós com cavalos e lanças.

Assim que Maxon me deixou nas escadas, o cansaço tomou conta de mim. Eu praticamente me arrastava até o segundo andar e ao canto onde estava meu quarto quando, de repente, fiquei totalmente desperta de novo.

— Ah! — disse Aspen, também surpreso em me ver. — O fato de eu ter pensado que você estava no seu quarto esse tempo todo provavelmente faz de mim o pior guarda do mundo.

Sorri. As garotas da Elite eram obrigadas a dormir com pelo menos uma de suas criadas no quarto. Eu não gostava muito da ideia, de modo que Maxon insistiu em manter um guarda de vigia à minha porta para o caso de uma emergência. O problema era que, na maioria das vezes, esse guarda era

Aspen. Saber que quase todas as noites ele estaria bem ali na minha porta me dava uma sensação estranha de alegria misturada com terror.

Aquela tranquilidade momentânea logo desvaneceu quando Aspen se deu conta de por que eu não estava sã e salva enrolada nos cobertores. Ele limpou a garganta, tenso:

— Vocês se divertiram?

— Aspen — cochichei, olhando em volta para ter certeza de que ninguém estava perto —, não fique bravo. Faço parte da Seleção e as coisas são assim.

— E como eu vou ter chance desse jeito, Meri? Como posso competir com ele se você raramente fala com os guardas como eu?

Fazia sentido, mas o que eu podia fazer?

— Por favor, não se irrite comigo, Aspen. Estou tentando resolver tudo isso.

— Não, Meri — ele disse, retomando a voz terna de antes.

— Não estou irritado com você. Eu tenho saudade de você.

Ele não ousou pronunciar as palavras, mas seus lábios se mexeram: “eu te amo”.

Me derreti.

— Eu sei — respondi, pondo a mão em seu peito e me permitindo esquecer por um instante tudo o que estávamos arriscando ali. — Só que isso não muda o lugar onde estamos nem o fato de eu ser da Elite agora. Preciso de tempo, Aspen.

Ele ergueu a mão até a minha e assentiu com a cabeça.

— Isso eu posso dar. Só... tente encontrar um tempo para mim também.

Eu não queria começar a explicar como isso seria difícil. Apenas abri um sorrisinho antes de recolher a mão.

— Preciso ir.

Ele me observou caminhar até o quarto e fechar a porta.

Tempo. Eu vinha pedindo muito tempo ultimamente. Tinha a esperança de que, se tivesse tempo suficiente, tudo ia se resolver.